

Extinção de empresas cresce 31% no DF

Hugo Marques

O número de empresas extintas no Distrito Federal aumentou 31% em novembro, comparado com o mês de outubro, segundo levantamento feito ontem pela Junta Comercial do DF. Foram extintas 38 empresas em novembro, enquanto em outubro foram 29. Nos últimos quatro meses diminuiu o número de constituição de novas empresas, em relação a maio e junho. O presidente da Associação Comercial do DF (ACDF), Nuri Andraus Gassani, prevê "quebradeira geral" nos próximos meses, se o governo não fizer mudanças na economia.

O número de empresas extintas em novembro é o maior registrado nos últimos seis meses, só perdendo para maio, quando 58 firmas foram extintas no DF. O número de novembro ficou 11,7% acima do que foi registrado no mesmo mês, em 89 (34 extinções). O número de empresas constituídas em novembro foi apenas 2,8% acima do que foi registrado em outubro. Aumentou de 695 para 715. Por outro lado, em maio a Junta Comercial registrou 840 novas constituições. Em junho o número subiu para 893 e começou a cair a partir de julho.

A média entre julho e novembro foi de 725 novas empresas, 19,4% abaixo da média de maio e junho (866 constituições). As explicações dos técnicos da Junta Comercial são que nos meses poste-

Quebradeira já atinge Eldorado

O juiz da Vara de Falência e Concordata do DF, Mauro Renan Bittencourt, aprovou ontem pedido de concordata das empresas Eldorado Veículos e Construtora Eldorado, de propriedade do deputado Francisco Carneiro (PTR-DF). Estas são as primeiras empresas de porte atingidas pela recessão do Plano Collor no DF. A advogada Léa Aurora Maria Barbosa, que vai representar a Eldorado Veículos, disse ontem que há muito tempo uma empresa não pedia concordata no DF. Francisco Carneiro vinha reclamando de dificuldades financeiras há alguns meses, depois que a crise atingiu os setores de construção e veículos. (H.M.)

riores ao Plano Collor muitos comerciantes que trabalhavam no mercado informal foram obrigados a se regularizarem, devido à legislação mais rigorosa, que exige, por exemplo, a emissão de cheques nominais.

Quebradeira

Nuri Andraus diz que a extinção de empresas prova que os empresários ainda estão tendo tempo de fechar o negócio, "vendendo os estoques e demitindo a equipe", disse. Mas a "quebradeira" ainda

não começou, segundo o presidente da ACDF. Em sua avaliação, a política monetária do governo foi aplicada de uma forma mais austera a partir de outubro e num prazo de seis meses os piores efeitos começam a aparecer na economia. "A crise chega na construção civil, por exemplo, e vai atingindo as dragas de areia e os fabricantes de tijolos", disse.

Nos próximos quatro meses, diz Nuri, é que começam a falir várias empresas que têm estoques financiados em bancos. "Estas empresas não estão vendendo e, se mantidos os juros atuais, vai ser quebradeira não só em Brasília, mas no Brasil inteiro". O presidente da ACDF diz que o governo escolheu "o cliente errado" para aplicar a recessão. Em sua avaliação, as estatais continuam gastando à vontade. "Se o governo fizesse a recessão no terceiro dele, o setor privado seria também atingido. Mas nós não temos nada a ver com isto", disse.

A denúncia que o presidente da ACDF fez há mais de um mês, de que o GDF estaria colocando restrições à criação de microempresas, parece que está sendo confirmada através dos números da Junta Comercial. Em outubro o número de novas micros caiu 17,1% em relação a outubro do ano passado, enquanto em novembro o número caiu 22,7% em relação ao mesmo período do ano passado.

Número de extinções de empresas no DF depois do Plano Collor

Fonte: JCDF

